



**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## **Crise do federalismo: a difícil arte de combinar sentimento de pertencimento e localização geográfica**

**Por Sebastião Cerqueira Neto ([cerqueiraneto.mg@gmail.com](mailto:cerqueiraneto.mg@gmail.com))<sup>11</sup>**

**Leonardo Thompson da Silva<sup>12</sup>**

### **Resumo**

A formação de novos estados brasileiro parece ser inevitável, tendo em vista que a grande dimensão territorial de alguns estados vem se constituindo num obstáculo para que haja a integração regional. Contudo, o tamanho da área é apenas uma pequena parte da deficiência que os estados brasileiros têm em administrar seus territórios; existem outras variáveis que no seu conjunto contribuem para o processo

- 
- 11 É pós-doutor em Antropologia Urbana pela Universidade Federal da Bahia – UFBA e em Geografia pela Universidade de Coimbra/ Portugal, Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe – UFS, é mestre em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU/ MG, graduado em Geografia pela Universidade do Tocantins – UT, é servidor público federal, docente EBTT lotado no Instituto Federal da Bahia, na cidade de Porto Seguro, atuando nas disciplinas de Geografia, Análise Regional na Bahia, Território, Identidade e Globalização. Participa das Linhas de Pesquisa Análise Regional da Bahia e Território, Identidade e Globalização, é Coordenador do Projeto de Pesquisa Teorias indígenas e epistemológicas do Sul nos olhares cruzados entre Milton Santos e Boaventura de Souza Santos: por um território global, é revisor dos periódicos Pindorama: Revista eletrônica multidisciplinar do Instituto Federal da Bahia, do Entre-lugar, da Revista de Geografia do Recife e da Revista Geografares: Revista do mestrado em Geografia. E é autor de artigos científicos em periódicos nacionais.
- 12 É doutor em Geografia pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, mestre em Cultura e Turismo pelas Universidades Estadual de Santa Cruz – UESC e Universidade Federal da Bahia – UFBA, graduado e licenciado em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC – MG, é servidor público federal, docente EBTT, lotado no Instituto Federal da Bahia, atuando nas disciplinas de Turismo: transformações no espaço, sociedade e cultura, Educação e Desenvolvimento Regional, Geografia, Hidrologia Geral, Introdução à Geologia Geral, na cidade de Porto Seguro/ BA. É membro do Grupo de pesquisa em Desenvolvimento regional – GPDR, atua nas Linhas de Pesquisa de Turismo: transformações no espaço, sociedade e cultura e Educação e desenvolvimento regional e é Coordenador do Projeto de Pesquisa Educação, território e desenvolvimento regional: a política de expansão da Rede Federal de Educação Científica, profissional e tecnológica e suas implicações no desenvolvimento local e regional no estado da Bahia.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de fragmentação. A análise que apresento neste texto tem como base uma tese de doutorado que escrevi sobre a região do Extremo Sul da Bahia. Não é minha intenção querer uniformizar as dinâmicas estaduais, mas, vejo que está cada vez mais difícil para algumas unidades federais manter suas regiões dentro de um modelo de administração que é altamente concentrador e, por conseguinte excludente.

**Palavras chave:** Pertencimento; Extremo Sul da Bahia; Fragmentação do território; Região.

### Resumo

*Formado de novaj brazilaj ŝtatoj ŝajnas neeviteblaj pro ke la vasta teritoria dimensio de iuj ŝtatoj fariĝas obstaklo al regiona integriĝo tie. Tamen, la grandeco de la areo estas nur malgranda parto de la malkapablo ke brazilaj ŝtatoj havas en administri iliajn teritorion; estas aliaj variabloj kiuj kune kontribui al la fragmenta procezo. Mi prezentas analizo ĉi tiu teksto bazitas pri doktora tezo skribita por mi pri ekstrema Suda el Bahia. Ne estas mia intencovoli unuigi ŝtatan dinamikon, sed mi rigardas ke ĝi estas pli malfacila por iu federacia unuoj subteni iliajn regionojn en modelo dermaŝo kiu estas tre koncentrante kaj, sekve, ekskluzivaj.*

**Ŝlosilvortoj:** Aparteno; Ekstrema Sudo de Bahia; Fragmenteco; Regiono.

### Abstract

*The formation of new Brazilian States seems to be inevitable, considering that the great territorial dimension of some States has been constituting an obstacle to regional integration. However, the size of the area is only a small part of the Brazilian States have in administering their own territory; There are other variables that together contribute to the fragmentation process. The analysis that I present in this text is based on a doctoral thesis I wrote about the region of the extreme south of Bahia. It is not my intention to want to standardize State dynamics, but I see that it is increasingly difficult for some federal units keep their regions within a management model that is highly concentrator and exclusionary.*

**Key words:** Belonging; Extreme South of Bahia; Fragmentation of the territory; Region.

### Introdução

A dinamicidade econômica que acontece desordenadamente em algumas regiões tem sido responsável por evidenciar contradições internas em alguns estados brasileiros, principalmente naqueles em que suas dimensões territoriais chamam a atenção por sua grandiosidade, como por exemplo, o estado da Bahia. A região do Extremo Sul da Bahia (figuras 01 e 02), até então preterida na história do desenvolvimento estadual, se



**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

tornou um território fértil para a instalação e investimentos de empresas de diversos segmentos, que vão desde o turismo até multinacionais que fazem a transformação do eucalipto. A condição de periferia é o resultado de ações do Estado baiano, ao longo da história, que optou por um modelo administrativo pautado pela exclusão e privilégio de regiões, isto é, escolhendo qual fração do Estado deve desenvolver.

A insatisfação de regiões que ficaram a margem do desenvolvimento dentro de um estado já provocou o surgimento de Estados no Brasil, como é o caso do antigo Norte de Goiás, hoje Estado do Tocantins. Situações como esta têm provocado discussões sobre uma nova divisão do território brasileiro que estão presentes tanto em proposições de pesquisas científicas quanto na retórica política. Ao mesmo tempo em que estas novas dinâmicas representam uma crise do federalismo, elas podem significar também a proposta de uma nova configuração dos territórios estaduais e consequentemente do Brasil. Pode-se considerar que as reordenações do território fazem parte de um processo de transformação da divisão político-administrativa do Brasil, basta consultarmos o mapa do país na época do sistema de Capitânicas Hereditárias e comparar com a configuração atual com vinte e seis estados e um distrito federal.



**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica



Figuras 01 e 02: ao lado esquerdo a localização do Extremo Sul da Bahia no Brasil e na Bahia. Ao lado direito o Extremo Sul da Bahia com sua divisão político-administrativa.

Nas figuras 01 e 02 é possível verificar que o Extremo Sul da Bahia é uma região privilegiada geograficamente, servindo como uma ponte entre o Sudeste e o Nordeste do país, favorecendo a chegada e saída de pessoas e mercadorias.

### **Como nasce o Extremo Sul da Bahia**

O Extremo Sul da Bahia tem sua origem histórica, cultural, política e econômica nas Capitânicas Hereditárias de Ilhéus e Porto Seguro. A ocupação da região começou no século XVI e seguiu os padrões semelhantes aos empregados na fase inicial da colonização de todo o país, isto é, uma ocupação baseada na exploração de recursos naturais sem se preocupar com as sociedades e suas culturas dos que aqui viviam.

A grande região Sul da Bahia era produtora de diversos cultivos, o que fazia da região uma fornecedora de alimentos para outras regiões da Bahia. Mas, foi o cacau o maior responsável pelo desenvolvimento econômico da região, e ele terá um papel preponderante para o nascimento do Extremo Sul da Bahia. No auge da sua produção



**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

o cacau foi responsável por 20% das rendas públicas no país no início do século XX e isso também significaria o grande poder político que os donos das grandes fazendas teriam na região e em todo o estado, pois, “direta ou indiretamente, quase toda a riqueza baiana e a vida dos habitantes repousará nos cacauais” (PRADO JÚNIOR, 1998, p.242). Porém, com as crises cíclicas do valor do cacau no mercado externo (a maior delas ocorrida no final da década de 80) e com a chegada do fungo *Crinipellis perniciosus*, causador da doença chamada de vassoura-de-bruxa, espalhará uma crise de grandes proporções na Zona Cacauera da região Sul, provocando o abandono de grandes áreas plantadas e infestadas, a falência financeira de muitos produtores e aumento do desemprego no campo, repercutindo em vários setores da economia urbana.

Depois de sucessivas crises a partir da segunda metade do século XX a lavoura cacauera se firma e passa a dividir o território da região Sul com a pecuária. A criação de gado vai ser intensificada onde hoje é o Extremo Sul da Bahia, “onde foi mais intensa a agressão à Mata Atlântica” (BAHIA, 1995, p.16). Então, há uma cisão no sentido de que o cacau não consegue prolongar sua cultura partindo do polo Ilhéus-Itabuna para o Sul da região como se havia projetado, e com o fortalecimento da pecuária tem-se a fragmentação da mesorregião Sul.

A distribuição irregular do cultivo do cacau no território da região se apresenta como ilhas de plantio, pois a região já se tornara objeto de desejo de outras atividades econômicas, como a exploração de madeira nativa e a pecuária, que ocupavam áreas significativas evitando assim que houvesse uma predominância da lavoura cacauera, causando uma descontinuidade do seu plantio. Confirmada a não vocação do Extremo Sul da Bahia para o cacau, o Governo do Estado “abre mão” dessa região possibilitando a efetiva influência dos estados de Minas Gerais e do Espírito Santo na sua formação econômica, social e cultural.



**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

No Extremo Sul os agricultores tiveram que se dedicar a outras plantações e criações consorciadas com o cacau para garantirem a sobrevivência na terra. Dessa forma o cacau não atingiria uma produção que fosse suficiente para se relevante na economia e muito menos fixar o homem do campo na região; no momento em que isso acontece há uma fratura que abre caminho para o surgimento de uma outra região dentro da grande Sul da Bahia. Nasce, então, o Extremo Sul da Bahia com área maior em 8.000 Km<sup>2</sup> que o Estado de Sergipe.

#### **A cultura e o espaço**

A cultura sempre foi um elemento importante para a identificação dos territórios, independentemente da escala destes, prova disso é que dentro do Brasil as criações das regiões e dos estados tiveram como balizador o arcabouço cultural dos habitantes. Mas, nos dias atuais a parceria com o capital não somente descaracterizou algumas culturas como também a tornaram mais efêmeras, pois todo produto (é assim como a cultura está sendo tratada) tem seu período de valorização; assim, quando ela é cooptada pelo capital, perde o motivo da sua continuidade e seus símbolos passam a representar apenas adornos que enfeitarão residências e peças revendidas em lojas distantes dos locais onde foram confeccionadas. Apesar de haver críticas a essa relação, é ela que sustenta, quando o capital se interessa, algumas manifestações culturais e assim consegue prolongar sua existência num dado espaço, mesmo que desconfigurada de sua originalidade.

O homem moderno parece se afastar cada vez mais das suas origens, pois, a evolução dos meios de transportes e comunicação, a necessidade financeira, uma realização pessoal, podem estar contribuindo para que as pessoas fiquem menos tempo no lugar onde nasceu dificultando, assim, o enraizamento e, por conseguinte provocando um corte na perpetuação ou num prolongamento maior de uma cultura



**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

local ou regional. Esta dinamicidade que o indivíduo consegue estabelecer noutra território é própria da natureza do ser humano, tendo em vista que “de modo geral, a migração impõe aos indivíduos a necessidade de mudar o modo de ver os mundos interno e externo, ressurgindo daí novos valores que vão orientá-los a se organizar no novo ambiente” (CAVALCANTI, 2002, p.157). Desta forma, no Extremo Sul e em todas as regiões abertas, a cultura de cada um vai sendo introduzida de uma maneira natural, onde há uma “coexistência pacífica entre grupos étnicos e culturalmente diferentes” (MELLO, 2004, p.12), construindo novos arranjos territoriais. Neste sentido a cultura e a economia apresentam semelhanças em suas dinâmicas, haja vista que, é cada vez mais raro encontrar numa região uma identidade cultural pura ou uma atividade econômica que se sustente por um longo período num dado espaço.

Todavia, mesmo com suas dificuldades de sustentação, a cultura ainda continua sendo um elemento importante na diferenciação entre países, regiões e lugares. Na verdade o aumento do deslocamento pelo espaço, se de um lado não favoreceu o enraizamento, por outro lado, propiciou a mistura de culturas. A sede de viver plenamente a sua cultura levou muitos povos a procurarem um espaço no planeta para criarem o seu lugar, pois a identidade de um lugar é construída de “significado com base em atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (s) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significado” (CASTELLS, 2000, p.22). Junto com as pessoas, além dos sonhos de melhoria na qualidade de vida, vai também a cultura que cada um carrega do lugar de origem. Um bom exemplo desta fluidez da cultura pelo espaço é dado por Grupta; Ferguson (2000, p.32) quando descrevem o deslocamento dos “refugiados khmer nos EUA [que] levam a cultura khmer com eles, da mesma forma complicada como os imigrantes indianos na Inglaterra transpor a cultura indiana para sua nova pátria”. De



**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

maneira pacífica ou tumultuada, a cultura sempre acha um jeito de ser explicitada num território estranho. Contudo, nenhum território seria estranho se realmente o mundo fosse um só, destituído de muros geográficos.

Num estudo regional abrir mão da cultura seria negligenciar a participação do sujeito no contexto da formação de um território, pois, depois das características físicas do ambiente, os hábitos de uma sociedade talvez sejam os mais preponderantes para diferenciar os lugares. De acordo com Haesbaert (1999, p.24), estudar uma região “deve envolver, igualmente, as diferenças de natureza como aquelas de ordem mais estritamente cultural”. Mas qual seria a importância das novas culturas instaladas no Extremo Sul da Bahia proveniente de outras regiões do país e do mundo? Seria apenas para verificar a origem dos deslocamentos e suas causas? Neste caso não estaria apenas contabilizando o número de pessoas que chegam sem, necessariamente, levar em consideração os seus hábitos? Se a quantificação das pessoas e do que elas produzem passa a ser o objetivo principal de uma análise, sendo assim a cultura dessas pessoas seria irrelevante para a construção da região, mas a capacidade técnica delas é que sobressairia.

Utilizar a cultura como um instrumento de análise espacial não é de fácil manuseio, tendo em vista que cultura também é mais um daqueles léxicos de difícil definição, “pois a compreensão exata do conceito de cultura significa a compreensão da própria natureza humana, tema perene da incansável reflexão humana” (LARAIA, 1999, p.65). Portanto, não sendo este o objetivo desse texto, isto é, compreender a natureza do homem, procurou-se traçar um paralelo de alguns indicativos culturais que indicam que o Extremo Sul não possui características que seriam consideradas típicas da cultura baiana.

Quando se fala em cultura baiana imediatamente remete-se a pensar que ela



**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

seja praticada em todos os municípios do estado. Ou será que não é assim? Ou cada município baiano teria uma cultura específica? Ao se buscar na história da Bahia os elementos que deram conformação a cultura que caracteriza o estado, verifica-se que as referências estão ligadas diretamente com a história de Salvador. O mais curioso é que a cidade de Porto Seguro, sendo um centro mais antigo que Salvador, não tem papel preponderante no estado no que tange a ser um ícone da cultura da Bahia.

Então, se é na cidade de Salvador onde estão os mais significativos símbolos da cultura baiana, tomou-a como base para pontuar no Extremo Sul a ocorrência deles, com o objetivo de estabelecer uma conexão entre o que é referenciado como cultura baiana e sua prática na região:

O carnaval: a folia de Momo realizada com uma infraestrutura gigantesca que acontece em Salvador é própria da capital baiana, mas não é o carnaval de toda a Bahia.

As lavagens das escadarias: a riqueza do conjunto arquitetônico, herança dos tempos do Brasil-Colônia, onde se tem a forte presença das belas igrejas centenárias não enfeita todos os municípios baianos, logo, as lavagens festivas que acontecem anualmente de suas escadas são e estão em Salvador.

Os trajes das baianas: cheios de significados religiosos fazem parte das baianas que vendem o acarajé e que cultivam seus rituais em terreiros de candomblé, sobretudo em Salvador e no Recôncavo. As demais baianas se vestem como todas as outras mulheres do Brasil.

Gastronomia: o cardápio das comidas típicas da Bahia não está presente em grande parte das cidades baianas, assim, como o acarajé (tombado pelo IPHAN em 1º de dezembro de 2004) não se faz presente em todas as esquinas da Bahia.

Capoeira: uma luta, um esporte, uma arte, reconhecida também pelo IPHAN



**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

como patrimônio cultural do Brasil, é vista com facilidade pela cidade de Salvador e no Recôncavo, porém, no interior está confinada em academias ou em raros centros culturais.

O falar cantado: o falar considerado musicalizado e tranquilo que dá ao baiano, principalmente ao soteropolitano, um sotaque que lhe é peculiar, não é pronunciado em toda a Bahia. Para Souza, A. (2001, p.11), geógrafo que destaca a importância dos estudos linguísticos no mapeamento da cultura dos lugares, “as classificações dos idiomas e suas áreas de ocorrência. Podia-se ter, com nitidez, uma visão da localização e da extensão das áreas onde este ou aquele idioma é predominante”. Isto justifica relacionar a língua nesta lista de características que faz parte do que se conhece da cultura baiana, tendo em vista que esta variável é considerada como uma das mais importantes nos estudos sobre as diferenciações dos lugares.

A música: de acordo com Freitas (2000, p.35), “nos tempos recentes, apenas a música consegue fazer alguma aproximação num processo ainda indefinido, mas que poderia ser provisoriamente encarado como uma tentativa de canalizar a cultura (...)”. A música também é com certeza, uma característica fundamental na cultura de um povo, contudo, dentro de um estado das dimensões que tem a Bahia, também se torna difícil estabelecer ou escolher um estilo que represente todo o estado. O *axé music*, com certeza, não representa a totalidade de cancionário existente na Bahia.

Elencar todas as analogias necessitaria uma tese específica sobre o assunto devido à grandiosidade e diversidade e de possibilidades que o estudo da cultura oferece, por isso, limitou-se colocar nesta amostragem alguns símbolos que pudessem servir de norteamento no sentido de identificar se há uma relação de práticas culturais realizadas em Salvador com o que se pratica no Extremo Sul da Bahia.



**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Cultura baiana, que se confunde na sua abordagem com a cultura de Salvador, pode ter sua explicação no fato de que “muitas vezes, a cidade de Salvador ainda é chamada de Bahia”. (SILVA, B. 2004, p.09). Essa explicação remete a seguinte questão: é uma realidade, uma falta de conhecimento por aqueles que não conhecem a Bahia ou é um processo permitido e comandado por órgãos públicos e empresas privadas que utilizam da mídia para sedimentar este pensamento no Brasil e no exterior?

### **Uma região de transição cultural**

O tópico anterior mostra que além do Extremo Sul da Bahia não “atender” o que se chama de cultura baiana tomando como base a capital do estado não se pôde também caracterizá-la culturalmente, tendo em vista que a região não apresenta uma manifestação que seja típica dos seus moradores. No entanto, somente a análise empírica pode não satisfazer uma hipótese acadêmica, daí a necessidade de buscar o amparo teórico, mesmo que este faça parte de uma análise global, todavia, podendo ser adaptado a realidade de um estudo regional.

A delimitação geográfica da área pesquisada, entendida pelo seu conteúdo histórico, se insere como um dos pontos de referência nos estudos sobre a chegada dos portugueses no Brasil; o que a classifica cronologicamente uma região antiga; portanto, haveria uma lógica pensar na existência de uma cultura consolidada através de hábitos tradicionais que a caracterize. Entretanto, a região não apresenta ou não exprime esta sensação, mesmo abrigando símbolos que identifiquem o período do início da colonização em terras brasileiras, como por exemplo, o conjunto arquitetônico da cidade alta em Porto Seguro. A hipótese para esse contexto pode estar no fato de que os elementos do passado não conseguiram ser absorvidos pela sociedade e podem “não ter qualquer representatividade no futuro” (ALMEIDA; VARGAS, 1998, p.475); dessa forma, outros símbolos culturais são implantados ou



**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

sobrepostos sobre os outros criando uma espécie de estratificação das atividades humanas. Por outro lado, mesmo que a sociedade não adote alguns símbolos como integrantes da sua história, eles estarão presentes na forma física ou armazenados em pesquisas. No Extremo Sul da Bahia as manifestações culturais que objetivam prolongar os costumes antigos são praticadas nos pequenos municípios ou distritos; nos municípios com maior desenvolvimento econômico são realizadas festas apenas como mais uma possibilidade de aquecimento da economia local, sem caráter sentimental.

Se, se pensar que só existe cultura quando se tem uma longa história, então, posto desta forma, o Extremo Sul deveria apresentar um traço cultural próprio ou herdado das coisas que representam a Bahia. Mas, o que se percebe é que não há este símbolo. Diante da falta dessa existência poder-se-ia condenar a região como um território desprovido de cultura, o que seria um grande equívoco, pois se não há influência baiana, por outro lado, o Extremo Sul é um espaço multicultural que pode ser chamado de multiculturalismo, que segundo Gupta; Ferguson (2000, p.33), este fenômeno “é ao mesmo tempo, um débil reconhecimento do fato de que as culturas perderam suas amarras a lugares definidos, e uma tentativa de subsumir essa pluralidade de culturas na moldura de uma identidade nacional”. Essa diversidade de culturas no território da região está relacionada com o contexto histórico da sua formação econômica e social caracterizada pelo recebimento de migrantes da Bahia, de outros estados e de outros países.

Talvez seja mais justo avaliar esse território como se ele estivesse passando por um momento de (re) construção de sua identidade partindo de suas novas manifestações e fixação de tradições, e, estas não precisam ser necessariamente seculares para existir (GIDDENS, 2000). Geralmente, essa situação ocorre em lugares



**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

que são habitados por pessoas que se enquadram no que Hall (1997, p.15) vai chamar de sociedades modernas que “são por definição, sociedades de mudança constante, rápida e permanente”. Por isso, é correto afirmar que existe uma cultura no Extremo Sul, ainda que ela não apareça como relevante na vida da população, que em sua maioria, é o resultado de um intenso processo de migração, haja vista que esta região da Bahia se tornou uma área de atração populacional.

Essa dinâmica social que acontece em todas as escalas também é explicada por Cavalcanti (2002, p.145) quando diz que “a humanidade encontra-se num momento de trânsito dentro do qual são cruzados tempos e espaços diversos” e este trânsito mantém uma fluidez que atualmente torna-se difícil mapear as culturas no espaço. A intensidade dos deslocamentos que acontece nos dias atuais favorece a uma maior integração ou intercâmbio entre os diferentes povos fazendo com que os lugares abertos, livres de grandes barreiras burocráticas sejam potenciais receptores de culturas, levando em conta que cada pessoa seja um produtor cultural como sugere Featherstone (1995, p.18):

Em certo sentido todos somos produtores culturais, uma vez que nos entregamos a práticas que não só reproduzem os repertórios culturais de que somos providos e de que necessitamos, enquanto percorremos a vida social, como também, até certo ponto, somos capazes de modificar e moldar tais práticas, enquanto elas se estendem através da cadeia ininterrupta de gerações que constituem a vida humana.

Assim, sob o prisma proposto por Featherstone, pode-se dizer que o Extremo Sul da Bahia se tornou um caldeirão onde a mistura de culturas é a sua tônica. Essa indefinição cultural fez da região uma zona de transição cultural, tal qual é a sua classificação dentro do mapa dos Domínios Morfoclimáticos do Brasil encontrado em Ab’Saber (2003). Isto não implica em classificá-la como uma região menos rica que as outras onde há uma cultura definida.



**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

### **A procura de identidade**

Se a cultura é um elemento importante para o processo de reconhecimento das diferenças entre regiões, essa abordagem explicita uma dificuldade em identificar o Extremo Sul seja como uma identidade própria ou sob o ponto de vista que se estabeleceu como cultura baiana. Esta percepção está ligada a duas questões: a primeira se refere à efemeridade das atividades econômicas na região, que contribuiu para dificultar a sedimentação do caráter identitário. E, a segunda pode estar no fato de que abra a mão de se discutir uma cultura regional e passa para o entendimento que numa região não exista uma só cultura, mas várias. Neste caso, seria mais confortável utilizar o pensamento de Claval (2001, p.50) sobre a manifestação da cultura numa dada área:

Não existe uma cultura unificada, pois esta é feita de elementos retransmitidos e reinterpretados permanentemente, o que quer dizer que cada um desenvolve sua própria cultura em função do meio ambiente onde vive, trabalha ou viaja, das dificuldades que encontra e da informação que recebe de fontes próximas ou distantes.

A reflexão de Claval adaptada para o contexto do Extremo Sul provoca alguns questionamentos: qual seria a importância de uma marca cultural para a região num mundo onde a economia serve de parâmetro para a escolha do lugar para se morar? Se o Extremo Sul não apresentar uma cultura que o caracterize qual seria o seu prejuízo? Para que isso ocorresse seria fundamental que os moradores aperfeiçoassem seus laços de coesão e solidariedade e, cada vez mais importante, a tendência de se organizar social e politicamente em busca de objetivos comuns, direcionados para o desenvolvimento efetivamente sustentado tanto de ponto de vista econômico-social com na perspectiva ambiental (SILVA; SILVA, 2003, p.10).



**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Fica evidenciado que a importância da identidade de uma sociedade com a região serve para verificar se há uma relação de solidariedade entre seus moradores em busca de um bem comum, e de que dele faz parte a interação com os aspectos físicos e com os símbolos deixados por gerações passadas. Em escala regional não se percebeu este panorama na região analisada, ela se apresenta neste momento apenas como uma área possível de realizações econômicas para pessoas e empresas; sem, no entanto, despertar vínculos afetivos na coletividade da população.

A análise da variável cultura, no Extremo Sul, baseada em alguns hábitos das pessoas e no que elas produzem, serviu como uma ferramenta para que se entendesse a dinâmica interna e externa da região, pois a culturalização do espaço só pode ser feita por uma sociedade. A leitura sobre esta variável também permitiu apresentar suas diferenças entre a região e o estado da Bahia, afirmando que há uma miscigenação cultural sem que nenhuma sobressaia para caracterizar a região na sua totalidade. O que há nesta região é prevalência de forma de poder herdada do modo tradicional em se fazer política; esse talvez seja o único traço encontrado em todos os vinte e um municípios.

### **Desatarmos do passado**

Não é deste momento histórico pelo qual o Brasil passa que está a origem de pensamentos que oferecem outra via de divisão político-administrativa, mas não há como negar que nas últimas décadas do século XX os afloramentos destes discursos têm surgidos com mais intensidade pelo território nacional e com ressonância em estados que possuem uma extensão de terra que se apresenta como um dos empecilhos ao desenvolvimento e a integração de suas regiões. Mesmo em estados que já têm a sua área territorial definida, ainda há espaço para debater demarcações que



**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

ficaram pendentes quando das suas criações, como no caso de Goiás e Mato Grosso do Sul que disputam no Congresso Nacional uma área de 16 mil hectares que fica na divisa dos dois estados. Este problema teria surgido após o desmembramento do estado do Mato Grosso, onde a Lei n.31 de 1977 definiu o limite deste estado com o de Goiás, mas não definiu as fronteiras com o Mato Grosso do Sul.

Existem também discussões em escala maiores dentro do Brasil, como a que propõe a criação de mais uma grande região além das cinco já existentes. A nova proposta seria criar uma região que abrigasse os estados de Rondônia, Acre, Amazonas e Roraima. A sugestão para a demarcação de uma nova grande região, a Noroeste, demonstra que a atual divisão do Brasil em Norte, Sul, Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste está em dissonância com as exigências atuais para uma melhor administração territorial. Estas regiões não são mais “puras” no sentido de que nelas só vivem nativos ou ainda têm sua economia, basicamente, em produtos internos. Com a expansão e a abertura das fronteiras internas do país, hoje, é possível ver que atividades agropecuárias e industriais migram pelo território nacional. Entende-se assim, que todas essas grandes regiões são híbridas econômica e socialmente, e isto requer uma atualização dos planos de gerenciamento das políticas de desenvolvimento regional.

Para Nonato; Cataia (2004, p.01) “a explosão do número de municípios e as diversas propostas de criação de novos estados e territórios federais atestam a crise da federação, já que esse sistema não satisfaz a totalidade do território”. Portanto, é necessário que os pensamentos antagônicos sobre uma possível redivisão de algumas regiões e estados brasileiros continuem a dialogar para que se chegue a uma contribuição aplicável ao caso brasileiro. Talvez a maior preocupação dos que são contra a uma redivisão do território brasileiro seria a transferência ou a implantação



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

de um modelo administrativo tradicional, coronelístico, onde em muitos casos a força física é utilizada para impor uma “ordem” no território; e assim, assistiríamos a formação de novos feudos. Para Camargo (2001, p.31),

O pecado original do federalismo brasileiro foi o regionalismo oligárquico, que acabou debilitado por ciclos sucessivos de centralismo intervencionista, embora, como Fênix, esteja sempre pronto a renascer das cinzas, cada vez que tem início um novo ciclo de abertura política. Tais condições irão perdurar enquanto os bolsões de pobreza do mundo rural e urbano forem capazes de alimentar um eleitorado socialmente carente e politicamente passivo.

A preocupação com este modelo é pertinente, pois o Brasil vivenciou muitas experiências neste sentido. Por outro lado, a história mostra que o povo brasileiro também se renova e é capaz de modificar uma determinada situação política que não esteja condizente com as novas perspectivas de uma sociedade que busca uma melhoria na qualidade ambiental, desenvolvimento socioeconômico e uma condução política mais democrática e, sobretudo, ética. Quanto ao continuísmo da prática do clientelismo, que é outra variável utilizada para rejeitar a criação de Estados, principalmente aqueles que nascem carentes de desenvolvimento, Souza, M. (2006, p.32) diz que,

A classe política brasileira, majoritariamente inclinada à distribuição clientelista ou puramente predatória, tem sido erroneamente identificada com as representações dos estados mais atrasados. [...], o clientelismo é um recurso utilizado igualmente por todas as forças regionais.

Portanto, seria um preconceito justificar a não redivisão do Brasil amparado na temeridade de continuidade das formas antigas de governar, afinal, Estados brasileiros constituídos de uma história que se confunde com a própria história do país ainda não conseguiram erradicar essa anomalia da política nacional.

A outra variável, e talvez a que mais tenha um apelo consistente para o retardamento do debate sobre novos mapas estaduais, é a de ordem econômica. Estudiosos do



**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

assunto que defendem a ideia da permanência da atual configuração alegam que seria muito oneroso para os cofres públicos bancar toda uma estrutura para a contratação de servidores públicos, bem como criar órgãos como Assembleia Legislativa e Tribunais de Contas do novo Estado e dos municípios, por exemplo. Estima-se que o Estado do São Francisco nasceria com um déficit de anual de cento e noventa e cinco milhões de reais (este cálculo foi apresentado por Antônio Ribeiro, especialista em finanças públicas numa reportagem do Jornal *A Tarde* em 02 de Setembro de 2007); uma preocupação legítima, porém se compararmos este déficit com o desvio de verba (calculado em 165 milhões de reais) para a construção do fórum da justiça do trabalho no Estado de São Paulo é irrisório para a construção de uma Unidade Federal. Se os números são importantes nessa discussão, apresento alguns dados coletados durante a pesquisa no ano de 2007: o território do Extremo Sul da Bahia é de 30.648 km<sup>2</sup>, superior ao estado de Sergipe em mais de 8.000 km<sup>2</sup> e 65 km<sup>2</sup> maior que a Bélgica. Sua população, segundo o censo de 2000, era de 711.535 habitantes. Em relação ao número total de habitantes o Extremo Sul da Bahia supera os estados do Acre com 655.385 hab., Amapá com 587.311 e Roraima com uma população de 395.725 habitantes. Em 2008 o PIB do Extremo Sul da Bahia foi de 5.248.094.841,24 e o do Acre foi de 5.593.000 no mesmo período. Estes números, gerados pelo IBGE, mostram que matematicamente esta região é um outro estado dentro do estado da Bahia.

Nesta discussão um ponto é comum entre as correntes antagônicas, o fato de que independentemente da quantidade de territórios ou estados à divisão política administrativa é fundamental para os planos de desenvolvimento; afinal seria praticamente inviável governar um país de dimensões continentais sem os seus mapas estaduais. No entanto, se existe uma crise sobre este assunto tanto no meio político quanto acadêmico é porque ela ainda não foi totalmente solucionada, e assim continua a fazer parte da história do país, portanto, intrínseca as questões internas, justamente

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

porque o Brasil é rico em diversidade cultural e ambiental. E, o grande desafio é fazer com que esta diversidade ao invés de dividir, una o país sob um sentimento maior de pertencimento nacional independente da quantidade de unidades federais e territórios; pois, o limite de um mapa não significa ou não deveria significar uma barreira para a adoção de projetos de integração. Afinal que faz um país ou uma região fragmentada não é a quantidade de divisões do seu território, mas a ausência de políticas que estimulem a percepção de uma sociedade mostrando que todos os lugares são interdependentes.

### **Conclusão**

Esse texto não tem a pretensão de propor que o Extremo Sul da Bahia se torne um estado – mesmo porque a academia não tem esse poder – o que foi apresentado aqui é apenas uma leitura do que é a região no final da primeira década do século XXI. No entanto, não se pode negar que há questões sobre este assunto tanto no meio político quanto acadêmico, e se há questões é porque elas ainda não foram solucionadas. O grande desafio é fazer com que a riqueza quantitativa e qualitativa da diversidade brasileira ao invés de dividir, una o país sob um sentimento maior de pertencimento nacional independente da quantidade de unidades federais e territórios.

A minha percepção é a de que o Extremo Sul da Bahia, assim como qualquer outra região, antes de pertencer a uma Unidade Federal ela está no território nacional. É preciso superar a questão da posse vitalícia do território por parte dos estados; só existe um território fixo, ou melhor, uma geografia repleta de diversidade física e humana, o Brasil.



**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

### Referências

- AB'SÁBER, Aziz N. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ALMEIDA, Maria Geralda e VARGAS, Maria Augusta. A dimensão cultural do sertão sergipano. In: José A. F. Diniz e Vera L. A. França (orgs.). **Capítulos de geografia nordestina**. Aracaju: NPGeo/UFS, 1998.
- BAHIA. **Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional – CAR (BA). Sul da Bahia: perfil regional. Programa de Desenvolvimento Regional Sustentável – PDRS**. Salvador, 1995. (Série Cadernos CAR, 7).
- CAMARGO, Aspásia. Federalismo e identidade nacional. In: SACHS, I.; WILHEIM, J.; PINHEIRO, P.S. **Brasil: um século de transformações**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.306-347.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Tradução: Klauss B. Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CAVALCANTI, Helenilda. O desencontro do ser e do lugar: a migração para São Paulo. In: Joanildo A. Burity. **Cultura e identidade: perspectivas interdisciplinares**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- CERQUEIRA NETO, Sebastião Pinheiro Gonçalves de. **Do isolamento regional à globalização: contradições sobre o desenvolvimento do Extremo Sul da Bahia**. Tese (Doutorado em Geografia) – Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2009.
- CLAVAL, Paul. O papel da nova geografia cultural na compreensão da ação humana. In: ROSENDAHL, Zeny e CORRÊA, R. L. (orgs.) **Matrizes da geografia cultural**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- FEATHERSTONE, Mike. **Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade**.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Tradução: Attílio Brunetta. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994.

FREITAS, Antônio F.G. **Eu vou para a Bahia: a construção da regionalidade contemporânea**. Revista Análise & Dados. Salvador, SEI, v.9, n°4, p.24-37. março, 2000.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**. Tradução: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GUPTA, Akhil e FERGUNSON, James. Mais além da cultura: espaço, identidade e política da diferença. In: ARANTES, Antônio A.,(org.). **O espaço da diferença**. Campinas (SP): Papyrus, 2000. p. 30-47.

HAESBAERT, Rogério. **Região, diversidade territorial e globalização**. GEOgraphia. Ano I, n.01, 1999. p.15-39.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz T. da Silva e Guacira L. Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

LARAIA, Roque de B. **Cultura: um conceito antropológico**. 12ª. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

MELLO, Beliza A. de Arruda. **Cultura popular e multiculturalismo**. Revista Vivência, n.27, 2004.

NONATO, Rita de C. e CATAIA, Márcio. **Manifestações territoriais da crise da federação brasileira: propostas de criação de novos estados**. Consultado no site [www.igeo.uerj.br/VICBG](http://www.igeo.uerj.br/VICBG), 2004.

PRADO JÚNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. 45ª. ed. São Paulo: Brasiliense, 1998.

SILVA, Bárbara-Christine N. (et. al). **Atlas geográfico: espaço geo-histórico e cultural**. 2ed. João Pessoa (PB): Grafset, 2004.

SILVA, Sylvio C.B.M. e SILVA, Barbara-Christine N. **Estudos sobre globalização, território e Bahia**. Salvador: UFBA, 2003.



**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

SILVA, Sylvio B. M. Formação de uma região dinâmica: o exemplo do Extremo Sul da Bahia. in: BENEDICTO, J.L.L. e SPINOLA, N.D. (coord.) **Desarrollo Regional**. Barcelona (Espanha): Xarxa Temàtica MEDAMERICA, 2001.

SOUZA, Álvaro José de. **Geografia linguística: dominação e liberdade**. São Paulo: Contexto, 2001.

SOUZA, Maria do C. Campello de. Federalismo no Brasil: aspectos político-institucionais (1930-1964). **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. V.21, nº61, São Paulo, Junho de 2006.